



António Lobo Antunes

A VELHICE

Devo estar a ficar velho: as Paulas Cristinas têm mais de 20 anos, os Brunos Miguéis já vão nos 15, as Kátias e as Sónias deram lugar a Martas, Catarinas, Marianas. A maior parte dos polícias são mais novos do que eu. Comecei a gostar de sopa de nabijas. A apetecer-me voltar mais cedo para casa. A observar, no espelho matinal, desabamentos, rugas imprevistas, a boca entre parêntesis cada vez

Devo estar a ficar velho. E no entanto, sem que me dê conta, ainda me acontece apalpar a algibeira à procura da figa. Pensando bem (e digo isto ao espelho), não sou um senhor de idade que conservou o coração menino. Sou um menino cujo envelope se gastou.

mais fundos. A ver o meus retratos de criança como se olhasse um estranho. A deixar de me preocupar com o futebol, eu que sabia de cor os nomes completos de todos os jogadores do Benfica, desde o inimitável Fernando da Conceição Cruz, o "Pardalito do Bairro da Liberdade", ao glorioso Domiciano Barrocal Gomes Cavém, passando por José Pinto de Carvalho Águas, o "Grande Capitão" e Mário Este-

ves Coluna, o "Monstro", que afirmou, numa entrevista, ser o Victor Mature dos estádios. A desinteressar-me dos gelados do Santini, que o Dinis Machado, de cigarrilha nas gengivas, achava peitorais.

Se calhar, daqui a pouco, uso um sapato num pé e uma pantufa de xadrez no outro e vou, de bengala, contar os pombos do Príncipe Real, que circulam, de mãos atrás das costas como os chefes da repartição, em torno do cedro. Ou jogar sueca, com colegas de boina, na Alameda Afonso Henriques, de manilha definitiva suspensa no ar, numa atitude de Estátua da Liberdade. Ou internam-me no "Meu Lar, Recebe Idosos Inválidos & Convalescentes", a fim de passar as tardes à janela, em casaco de pijama, numa poltrona de orelhas, com os bolsos cheios de palitos, capicuas e migalhas de bolacha Maria, visitado, na Páscoa, por sobrinhos apressados e saquinhos de amêndoas. Quando der por mim, encontro o meu sorriso na mesinha de cabeceira, a troçar-me, num copo de água, com 32 dentes de plástico. Reconhecerei o meu lugar à mesa pelos frasquinhos dos medicamentos sobre a toalha, que me farão lembrar as bandeiras que os exploradores antigos, vestidos de urso como os automobilistas dos tempos heróicos, cravavam nos gelos polares. Serei como aquela prima idosa surdíssima, outrora bonita, com uma enorme telefonia à cabeceira, a quem o en-

fermeiro, que lhe dava as injeções para o reumático, comentou:

— Que lindo rádio que a senhora tem.

E ela num suspiro, de nádegas ao léu à espera da seringa, orgulhosa e coquete:

— Havia de o ter visto aqui há 40 anos.

Devo estar a ficar velho. E no entanto, sem que me dê conta, ainda me acontece apalpar a algibeira à procura da figa. Ainda gostava de ter um canivete de madreperola com sete lâminas, saca-rolhas, tesoura, abre-latas e chave de parafusos. Ainda queria que o meu pai me comprasse, na feira de Nelas, um espelhinho redondo com a fotografia de Yvonne de Carlo, em fato de banho, do outro lado. Ainda tenho vontade de escrever o meu nome depois de embaciar o vidro com o hálito. Ainda caminho pela borda do passeio sem pisar os intervalos das pedras. Ainda me apetecia que o meu avô me viesse fazer uma festa à cama. Ainda gosto de resolver os hieróglifos comprimidos dos Almanques Bertrand do sótão, organizados pela sra. D. Maria Fernandes Costa e de escrever, nas soluções, quando a pergunta é "Grande escritor português infelizmente já falecido", o nome do emérito poeta General Fernandes Costa. Pensando bem (e digo isto ao espelho), não sou um senhor de idade que conservou o coração menino. Sou um menino cujo envelope se gastou. ●